



O POTENCIAL DO DIÁLOGO COMO UMA FORÇA TRANSFORMADORA¹

Adilson Felício Feiler²
Renata Adrian Ribeiro Ramos³

RESUMO: Neste escrito, buscamos tratar do potencial do *diálogo*, como uma força transformadora, em contraposição à incapacidade para o diálogo, uma força contrária à fluidez da comunicação humana. Para o desenvolvimento das argumentações, realizamos uma pesquisa bibliográfica, na área da filosofia, apresentando as análises sobre o diálogo, principalmente, na perspectiva de Gadamer. Também expomos algumas considerações que envolvem o conceito *força* na perspectiva de Nietzsche, para ampliação desse debate. Neste sentido, refletimos sobre possíveis impactos do diálogo, como força transformadora, na relação entre o homem e o mundo, para que se efetive o fortalecimento das relações sociais, desafio que deve ser enfrentando em nossos dias, haja vista as diversas manifestações de incapacidade para o diálogo, notadas em diferentes espaços sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Diálogo. Força transformadora. Potencial. Relações Humanas.

ABSTRACT: In this writing, we seek to address the potential of dialogue, as a transforming force, as opposed to the incapacity for dialogue, a force contrary to the fluidity of human communication. For the development of the arguments, we carried out a bibliographical research, in the area of philosophy, presenting the analyzes on the dialogue, mainly, in the perspective of Gadamer. We also expose some considerations that involve the concept of force in Nietzsche's perspective, to expand this debate. In this sense, we reflect on possible impacts of dialogue, as a transforming force, in the relationship between man and the world, in order to strengthen social relations, a challenge that must be faced today, given the various manifestations of incapacity to dialogue, noted in different social spaces.

KEYWORDS: Philosophy. Dialogue. Transformative force. Potential. Human relations.

¹ Trabalho de pesquisa desenvolvido na pós graduação em Filosofia, em nível de doutorado, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É Professor da graduação no curso de Direito e do Programa de Pós graduação de Filosofia na UNISINOS. E- mail: afeiler@unisinos.br

³ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (BA). Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XI. E- mail: renataadrian@edu.unisinos.br





INTRODUÇÃO

Neste escrito, buscamos discutir o potencial do diálogo, como uma força transformadora, centralmente na perspectiva de Gadamer. As discussões giram em torno da seguinte problemática: embora seja o diálogo uma vocação ontológica humana, a incapacidade para o diálogo se sobrepõe nas relações sociais, sendo uma tendência que se faz perceber nas mais diferentes manifestações de intolerância, desrespeito e apatia diante dos sentimentos e opiniões dos outros semelhantes. Tais comportamentos sociais têm produzido um fosso nas relações interpessoais, fenômeno que interessa ao debate filosófico, inclusive para que se possa pensar em caminhos alternativos para o enfrentamento dessa realidade, que se constitui em um desafio ontológico, envolvido por um campo de tensão caracterizado pela polaridade incapacidade/capacidade para o diálogo, com prevalência da primeira vertente comunicacional sobre a segunda, tendência contraproducente à vida em comunidade. Sendo a incapacidade para o diálogo uma tendência em nossa sociedade, qual é o potencial do diálogo para o desenvolvimento de relações sociais fluidas, considerando sua qualidade de força transformadora, de acordo com a abordagem gadameriana? Pois: “toda a interrupção desse diálogo guarda, por sua vez, uma referência interna à retomada do diálogo” (GADAMER, 2011, p. 181).

Para a produção das análises utilizamos, principalmente, da abordagem da hermenêutica filosófica gadameriana, pois pressupõe: a discussão de um assunto sobre “um *médium* da linguagem” (GADAMER, 2015, p. 499); possibilita a existência de uma unidade entre ser humano e mundo; compreende a “fundamentação de nossa orientação no mundo pelo elemento da linguagem” (GADAMER, 2011, p. 17). Ainda, trazemos algumas considerações, com base nas contribuições filosóficas de Nietzsche, quanto à discussão do conceito *força*, assim como para a compreensão do lugar da memória nas relações humanas e do cuidado de si.

Nesse intuito, utilizamos, nesse escrito, de contribuições conceituais da hermenêutica gadameriana, como apresentada nos escritos: *Verdade e Método I* (2015); *Verdade e Método II* (2011); *Hermenêutica em Retrospectiva* (2007); *Elogio da Teoria* (2001). Ainda, abordamos o tema



proposto com base em alguns comentadores gadamerianos para ampliar a discussão de conceitos e reflexões; além disso as considerações se voltam para a discussão da força segundo Nietzsche, por considerarmos ser essa abordagem contributiva nesse debate.

O escrito está estruturado nas seguintes seções “*A sociedade atual e o lugar do diálogo*”, quando apresentamos a importância do diálogo, embora venha sendo refutado nas relações humanas, assumindo um não lugar, condição de desprestígio que pode sofrer mudanças, desafio a ser enfrentado para o aprimoramento dos vínculos humanos. Em sequência abordarei: “*O diálogo como uma força transformadora*”, seção em que trato centralmente da perspectiva gadameriana, evidenciando o potencial desse conceito, como energia criadora para a transformação humana. Na “*Conclusão*”, apresento alguns possíveis impactos do diálogo sobre a relação homem-mundo e arrematamos as principais considerações tecidas neste texto.

1 A SOCIEDADE ATUAL E O LUGAR DO DIÁLOGO

A verdadeira conversação, o verdadeiro diálogo, vem, atualmente, sofrendo riscos de extinção social, desde quando há um progressivo empobrecimento, esvaziamento de seus pilares de sustentação, o saber falar e o saber ouvir. Diante dessa realidade, é importante que se trate sobre o lugar do diálogo nas relações humanas e o seu não lugar, ante a prevalência de práticas comunicacionais unilaterais, que conduzem ao engessamento comunicacional.

Assim, devido a incapacidade humana comunicacional, os diálogos podem estar “ameaçados”⁴, e não apenas eles, mas também a própria existência humana e planetária. Então, quando a tendência para a incapacidade se sobrepõe há um desequilíbrio de forças, o

⁴ Gadamer trabalha com os seguintes discursos: o discurso pedagógico, o da negociação, o terapêutico e o familiar e relaciona-os a incapacidade de desenvolvimento do diálogo. Cf.: GADAMER, H. G. *A incapacidade para o diálogo*. In: GADAMER, H.G. **Verdade e Método II**: complementos e índice. Tradução de Ênio Paulo Gianchini; revisão da tradução de Márcia Sá Cavalcante-Schuback, 6^a ed.- Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Vozes: Editora Universitária São Francisco, 2011, (Coleção Pensamento Humano), p. 248 e 249.



que produz instabilidade sobre a própria vida, com projeções de riscos eminentes sobre em todos os âmbitos de sua manifestação.

Essa tendência é entendida em Gadamer como uma incapacidade para o desenvolvimento do diálogo, não por inaptidão, mas por condução cultural ao isolamento social, devido a processos de mudanças históricas que envolveram a vida humana, desde a modernidade, no mundo ocidental, as quais produziram aceleração dos processos produtivos, do mundo do trabalho, mudanças no estilo de vida e progressivo empobrecimento da prosa.

Na atualidade ainda mais vivenciamos impactos nas relações comunicacionais, uma vez que as novas tecnologias produziram uma nova dinâmica para os encontros, com potencial para estreitamento dos vínculos humanos, pois a distância e o tempo podem ser reconduzidos para colocar pessoas em processos de comunicação fluida, embora não presenciais. Para Gadamer (1983, p. 19, 20): “Cada vez são mais numerosos os âmbitos de nossa vida que se submetem às formas coatoras de processos automáticos e cada vez menos, o próprio homem e seu espírito se reconhecem nestas objetivações do espírito”.

São relevantes as considerações e os questionamentos de Gadamer sobre o comportamento humano na sociedade moderna e aplicáveis aos nossos dias, inclusive porque abrem o debate para outras perspectivas, explicações plausíveis sobre a tendência à monologização (quando apenas uma pessoa fala), como podemos ver na seguinte citação (GADAMER, 2011, p. 242, 243):

Na vida social de nossa época não estamos atingindo uma monologização crescente do comportamento humano? Será um fenômeno típico de nossa civilização que acompanha o modo de pensar técnico científico? Ou será que experiências específicas de auto-alienação e de isolamento presentes no mundo moderno é que fazem os mais jovens se calar? Ou será ainda que o que se tem chamado de incapacidade para o diálogo não é propriamente a decisão de recusar a vontade de entendimento e uma mordaz rebelião contra o pseudo-entendimento dominante na vida pública?

O que se percebe, na prática cotidiana, é a utilização dos recursos tecnológicos reflete a própria condição de ser incapaz para dialogar, pois há, em grande medida, uma reprodução de situações inúmeras de intolerância, desrespeito e apatia, objetificação do outro, nos



ambientes virtuais, sem prescindir, nesse caminho de análise, do reconhecimento de boas práticas dialogadas, que vem sendo desenvolvidas nas áreas de educação, saúde e justiça, como vem acontecendo neste atual contexto pandêmico, por exemplo.

Notamos, então, que apesar de sua importância e vitalidade o diálogo ocupa um não lugar, como uma estratégia potencial que é refutada, desvalorizada, haja vista ser o seu cultivo um trabalho pouco desenvolvido nas relações humanas. Secundarizado, mas potencialmente eficaz para dinamização de processos comunicacionais: assim apresentamos a situação do diálogo na vida em sociedade. Pois: apesar de que o diálogo tem sido uma prática em desuso social, continua sendo uma prática vigorosa, estratégia que não perde sua condição de força. Inclusive, pelas vias dos processos de aprendizagem, envoltos na cultura, podemos ter o lugar do diálogo retomado, em ativação de seu sentido real, o encontro e firmação de acordos entre os homens, em busca do bem comum.

Nesta retomada, deve prevalecer a funcionalidade dessa estratégia, na tessitura das relações humanas e, com base no exercício de produção do entendimento podemos ter resultados muito importantes, quando as diferenças podem ser respeitadas e as desavenças superadas. Com isso, o ciclo da conversa verdadeira se constitui, em meio ao envolvimento entre as partes, entrada no jogo comunicacional, desenvolvimento de si, rumo ao conhecimento do outro.

Assim, ao tempo em que a incapacidade para o diálogo é uma tendência presente em nossa sociedade, incidindo diretamente no impedimento à sua abertura e progressão franca e livre, vitalidade do diálogo se projeta, então, como uma estratégia para reviravolta das relações sociais, em nome do bem comum. E, diante da possibilidade de transformações, é urgente o desenvolvimento de considerações e desenvolvimento de práticas que se voltem ao investimento dessa estratégia. Nesse intuito, é preciso que façamos investimentos, tendo em vista a abertura comunicacional, gestos de boa vontade, de entrega ao processo, sintoma de que podemos efetivar a fluidez comunicacional, em função de promoção de negociações que podem produzir equilíbrio e saídas producentes e que confluam para a admissão de interesses e acordos entre as partes interessadas.



Desse modo, o jogo é sinal de liberdade comunicacional e de desenvolvimento das relações vinculares. Em cada jogada, deve-se buscar atingir o alvo, o acordo necessário, mediante a apresentação do interesse comum entre os sujeitos. Em cada lance há de se conhecer opiniões, fazer perguntas, dar e ouvir respostas, ações inerentes ao jogo, as quais revelam a abertura subjacente ao diálogo. Ceder ao outro é uma prerrogativa, embora não signifique anulação de si, antes designa a valorização do centro do debate, uso da razão para fins harmoniosos, respeitabilidade aos sentimentos e a toda a manifestação de subjetividade que venha a se apresentar, como conteúdo a ser validado constantemente, de importância no jogo.

Nesse movimento, precisamos estabelecer fios de sustentação na comunicação, objetivando: o enfrentamento de forças impeditivas que sabotam a fluidez das relações humanas, para que se efetive a franca comunicação, indispensável mecanismo para ativação de práticas que combatam a lógica utilitarista presente nas relações sociais. Dialogar, dentro dessa condução de análise, pressupõe respeito às diferenças, desenvolvimento de capacidade empática, impacto nas dimensões cognitiva e afetiva.

Diante disso, referendamos ao diálogo um lugar de destaque social, para sua valorização, mesmo reconhecendo a tendência ao isolamento social, à incapacidade para o diálogo em nossa sociedade. Ante essa consideração, dentre outras conceitualizações gadamerianas para o diálogo, aqui centramos a análise na sua qualidade de “força transformadora”, pois: “[...] Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós em que nos transformou” (GADAMER, 2011, p. 247). Mas, o que significa o diálogo ser uma força transformadora? E como é possível, por meio do diálogo, superar forças contrárias presentes nas relações sociais? Como entender o diálogo como uma força transformadora, considerando o seu potencial?



2 O DIÁLOGO COMO UMA FORÇA TRANSFORMADORA

De acordo ao dicionário básico de filosofia a palavra diálogo, significa: gr. *dialogus*, de *dialogesthai*, lat. *dialogus*: conversar. Envolve conversação, de acordo ao dicionário da Língua Portuguesa (JAPIASSU; MARCONDES, 1998, s/n). A abordagem filosófica gadameriana revela abrangência e profundidade do significado do diálogo, relacionando-o intrinsecamente à capacidade de raciocinar, falar e ouvir. O raciocínio está ligado a reflexão e construção de saberes. A fala é uma capacidade, uma condição para a existência do diálogo, junto a necessidade de desenvolvimento da escuta sensível, mediante o uso da racionalidade, pois “o homem pode comunicar tudo o que pensa” (GADAMER, 2011, p.173).

A base da consideração de que o diálogo apresenta essa qualidade, que lhe credencia lugar de potencial estratégico, advém da seguinte afirmação de Gadamer: “O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós em que nos transformou?” (GADAMER, 2011, p. 247).

Esse conceito de diálogo, como força transformadora, tem lastros na filosofia de Platão e Aristóteles. No entendimento de Rodhen, a hermenêutica gadameriana buscou recuperar os sentidos da sabedoria humana com base, principalmente, nos discursos de Sócrates expostos por Platão (RODHEN, 2009). Também segundo Rodhen: “dentre todos os filósofos e obras que contribuíram para a elaboração da filosofia de Gadamer, foi Platão, sem dúvida, de quem ele mais aprendeu, aprendeu e desenvolveu a arte de filosofar, denominando-se de platônico” (RODHEN, 2009, p. 62). Para Gadamer: “Platão foi o primeiro a perceber o conceito de força, “estrutura reflexiva da *dynamis*, tornando possível a sua transposição à essência da alma. Segundo sua essência ontológica, a força é “interioridade” (GADAMER, 2015, p. 280).

Aristóteles contribuiu no pensamento gadameriano, pois as categorias *dynamis* e de energia (RODHEN, 2009, p. 61) são importantes para o conceito de diálogo como força transformadora. A *dynamis* refere-se a força do fazer, resistir, sofrer e saber, de acordo a leitura de Heidegger sobre Aristóteles” (SANTOS, 2018, p. 43). Diz respeito à “potência da alma” (GADAMER, 2015, p. 280), de acordo a Gadamer. *Energeia* significa ato, realidade; expressa



força, algo que atua, que transforma, que movimenta; tem sentido de plena potência. Também esta perspectiva teórica admite a reabilitação da *phronêsis* aristotélica, isto é, da virtude da prudência em relação ao mundo e com as pessoas, desenvolvida mediante o diálogo. A *phronesis* é uma *práxis* em Gadamer e pode ser compreendida como uma força que produz um saber sobre o próprio sujeito e que o orienta no desenvolvimento de virtudes, para produção ética de condutas (BRITO, 2018, p. 60).

De acordo com os moldes destes filósofos da Grécia Antiga, o diálogo está relacionado à representação da participação na vida política e comunicação entre mestres e discípulos, tendo em vista o desenvolvimento da experiência de busca pela verdade, como se pode notar nas narrativas que envolvem Sócrates com seus discípulos, descrita por Platão e, com base na compreensão de diálogo para Aristóteles. Diante do exposto, o diálogo é uma *práxis* (GADAMER, 1983, p. 59), que se evidencia como uma força transformadora, o que pressupõe uma relação estreita com a ideia do sujeito e o lugar do cuidado de si mesmo, em progressão para o cuidado com o outro, dentro da conduta ética.

Esse cuidado, que abrange a dimensão intrapessoal e interpessoal, tem suas raízes na perspectiva de Platão e Aristóteles, os quais entenderam esse cuidado de si como amor a si mesmo, expresso na palavra grega *Philautia*. Desse modo, diz respeito ao ato de ocupar-se de si para a partir disso cuidar do outro. Essa definição é retomada por Gadamer para a discussão do bem querer do homem a si mesmo, como virtude, que se estende para o bem querer ao outro, relacionado ao *ethos*, que por extensão compreende a relação com o mundo.

Ainda, Gadamer considera especificamente da compreensão, a partir das contribuições de Heidegger, que tratou da própria abertura do *Dasein* no mundo, discutindo o ente humano como ser-aí que se projeta e neste devir, de estar-lançado num mundo, de possibilidades e certas determinações, participa da história, envolvendo passado, presente e futuro (HEIDDEGER, 2009, p. 48).

Com base em Heidegger, Gadamer discute a compreensão por meio do diálogo como uma experiência de abertura e encontro com o outro. “O verdadeiro diálogo em Gadamer, é desenvolvido no movimento de abertura de si para o outro, por via da compreensão, com



base nos saberes da tradição e pré-conceitos, pois de acordo a Palmer (1969, p. 186), “não pode haver qualquer interpretação sem pressupostos”. Perante a abertura, os sujeitos participantes da história expõem no genuíno diálogo suas experiências de vida e desenvolvem a compreensão mútua e horizontal.

Para além das influências, sob o argumento da originalidade da discussão, no bojo da hermenêutica gadameriana, o conceito de diálogo pressupõe relação intrínseca com o processo de linguagem, que é o próprio processo humano de entendimento. “A linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão” (GADAMER, 2015, p. 497).

Como força transformadora, relaciona-se à nova produção de relações, entre os sujeitos, como parceiros no diálogo, perspectiva que exige escuta, valorização da voz do outro, compreensão mútua. Sobre a transformação, Gadamer diz: “Onde o diálogo acontece, aí os parceiros do diálogo, quando se dependem um do outro, não são mais totalmente os mesmos” (GADAMER, 1987, p. 86). Essa consideração nos faz pensar sobre o lugar e a ativação da nossa memória, como lugar de registro e produção de saberes, que dão significado às nossas experiências, inclusive àqueles cuja produção se relaciona ao outro, no diálogo. Por vezes, os diálogos não são potencializados porque não há exercícios, práticas ativas, para desenvolvimento de memórias, que favoreçam a significação do outro, de seu lugar, na construção de elos necessários para as relações humanas.

O esquecimento do outro, então, produz distanciamento de experiências necessárias para firmamento de vínculos afetivos, humanos. Por isso, a compreensão das causas do distanciamento, considerando a memória, é um dado relevante, pois desde a invenção da escrita houve uma diminuição do exercício da memória, depositando-se assim a credibilidade maior sobre aquilo que se sabe nos signos externos, códigos escritos, que funcionam para preservar os dados, as informações, os conhecimentos, detalhar trajetórias, experiências, de forma a auxiliar nos registros. As informações, com isso, já não são mais assimiladas, pois ao não comporem mais uma cadeia de raciocínio, pois se resumem a uma cadeia de informações



dispersas, sem ou com pouco sentido, considerando a necessária cerimônia de falar e ouvir, para ser entendido e entender o outro.

Embora a escrita seja vital, não podemos prescindir de uma valorização da cultura oral, das boas práticas de prosa, dos registros de memória para o desenvolvimento dos atos de comunicação, uma vez que envolvem os textos da vida, no tempo presente. Logo, a memória faz parte da engrenagem que dá sentido ao processo comunicacional e precisa ser evocada, com uso de uma racionalidade à serviço da razão comum, entre os pares; deve utilizada para exercícios de afirmação de vínculos em um movimento de retomada dos saberes e das práticas dos sujeitos, dentro de uma produção de sentidos que valorize o fortalecimento das relações humanas.

Assim, a construção de sentidos, na apreensão de informações, a ativação da memória, que se volta para dar atenção ao outro, são bases que favorecem à abertura e desenvolvimento do diálogo. Sobre isso, trazemos Nietzsche, à cena desse debate, pois esse filósofo relaciona força à vida, em sua totalidade, de modo a percebê-la como uma potência criadora, que se interrelaciona à vontade do poder, ao vir a ser. Logo, a força compreende uma estética da existência e uma postura que valoriza os instintos humanos e confronta a moralidade ocidental, pois: “A vontade do poder é o elemento de onde dinamizam simultaneamente a diferença e a quantidade das forças postas em relação e a qualidade que nessa relação marca a força” (DELEUZE, 1976, p. 77). Nesse interim, o estilo de utilização da linguagem, na abordagem nietzschiana, revela que a força depende da saúde dos instintos humanos e deve voltar-se à valorização da vida, sendo, por si só, plenamente carregada de significados.

Na perspectiva de Nietzsche, a força se estabelece dentro de um campo de tensão, que pressupõe um contínuo de superação, como condição para a manutenção da existência, pois o jogo das forças pressupõe vitalidade aos processos, dá sentido à vida. As polaridades disputam entre si, mas não se anulam, antes potencializam jogo de desempenho de energias, revelando elevação da tendência a um determinado lado. Considerando a disputa, no campo da linguagem quanto à incapacidade/capacidade para o diálogo, podemos entender que,



frente a natureza antagônica dessas duas forças há, no processo de desempenho de cada uma delas, no campo de tensão, a elevação da potencialidade de vigência de uma delas, mesmo que de modo provisório. Diante disso, o desenvolvimento da capacidade para o diálogo se apresenta como necessária, algo que culturalmente deve ser prestigiado, nas mais diferentes formas de estabelecimento de elos comunicacionais. Quando há investimento, com depósito de credibilidade no diálogo, podemos extrair bons resultados, condizentes à nossa sementeira. Por isso, é preciso que se valide esse tipo de compreensão sobre essa estratégia comunicacional, pois as manifestações e práticas, dirigidas a sua elevação, favorecem o reconhecimento de seu lugar nas relações humanas, dando-lhe visibilidade social, podendo se constituir tendência, alvo de difícil, porém de possível alcance. É salutar que sejam dispostas condições favoráveis para a sobreposição da capacidade do diálogo, no jogo de forças, por meio da qual há chances de disseminação da cultura da negociação, o que pressupõe o estabelecimento de mudanças importantes para a vida em sociedade, isto em diferentes espaços sociais, retomando um lugar de prevalência na sociedade.

Assim, o diálogo torna-se uma importante estratégia comunicacional, via fundamental, para aqueles que se permitem participar do jogo comunicacional, lidando com os desafios próprios do campo de negociação. O encontro entre os pares, no processo de efetivação do diálogo, tem um poder transformador, que revela avanços na relação eu-outro-mundo, pois o diálogo: “transforma a ambos. O êxito de um diálogo dá-se quando já não se pode recair no dissenso que lhe deu origem” (GADAMER, 2011, p. 221).

Reiteramos que, o diálogo envolve o encontro entre pessoas que desejam conversar de forma aberta para se entenderem. Nessa trilha da verdadeira conversa, não há espaço para se desprestigiar a autenticidade e a autonomia do pensamento do outro, uma vez que há de se aceitar os saberes, dizeres do parceiro no diálogo. Adentrando na pauta do diálogo, inevitavelmente, haverá renúncias de preferências e interesses, em benefício do bem comum, condição necessária para se firmar acordos. Os resultados da comunicação fluída produzirão “uma transformação rumo ao comum, de onde já não se continua sendo o que se era” (GADAMER, 2011, p. 458).



Essa visão gadameriana sobre a transformação, construída por meio do diálogo, é profunda, pois apresenta uma significação de impacto de aplicação para as relações sociais, tão afetadas pelo distanciamento social. Ora, se o diálogo se constitui como uma força transformadora tem um potencial que precisa ser reconhecido e explorado na mediação de conflitos, por exemplo, no âmbito jurídico, nas relações internacionais etc. As práticas educacionais dialogadas, desenvolvidas sob a condução da horizontalização da relação entre os sujeitos, a validação dos saberes e afetos, no caminho de produção do conhecimento, podem ser importantes estratégias de ressignificação das relações e aprendizagens.

Diante do potencial do diálogo, como transformação, estão expostos no movimento do vai e vem do jogo, no próprio diálogo, os riscos, que são inevitáveis. Todavia, também estão expostas as possibilidades, como jogadas que podem ser pensadas pelos jogadores-intérpretes, dentro de regras estabelecidas, no jogo aberto, que envolve a linguagem humana e inevitavelmente perpassa pela memória, uma vez que para que se possa entender o outro é preciso que a comunicação se estabeleça, perante o desenvolvimento de um raciocínio, no qual prevaleça a compreensão das ideias, opiniões, sem amarras, abertos, então, ao devir do processo dialógico. Neste sentido, o diálogo consigo mesmo é um prelúdio de uma comunicação fluida que se pode empreender com o outro. A partir do encontro de si, então, dá-se sentido à busca pelo outro, por rotas da arte do convencimento, refutando toda e qualquer contramão que possa causar obstrução dos canais comunicacionais.

Devemos, portanto, nos dirigir ao outro, no campo argumentativo, para buscarmos pontos de interesses comuns. Dessa ação colaborativa comunicacional se extrai não apenas palavras, mas um jogo de sentidos que expõe crenças, culturas, histórias. Desse lugar, há um desafio que precisa ser enfrentado, inevitavelmente: se fazer entender e participar autonomamente desse percurso, de encontro com o outro. Neste movimento, não há concessões para isolamentos, monólogos e sim para busca constante de fortalecimento das relações, em função de um consenso, que não quer dizer um acordo sem conflitos.

É importante que se diga: de acordo com Gadamer, a transformação difere de modificação, pois “aquilo que se modifica permanece e continua sendo o mesmo”



(GADAMER, 2015, p. 166). Na transformação os sujeitos envolvidos no jogo do diálogo, buscam no campo das possibilidades a construção de sentidos comuns por meio da compreensão.” A transformação é na verdade a transformação no verdadeiro” (GADAMER, 2015, p. 167).

Entendemos ser essa perspectiva transformacional advinda do diálogo uma potência, do campo da linguagem, capaz de produzir uma espécie de metamorfose⁵ (do grego metamórphōsis) nas relações entre eu-tu-mundo. Situamos que, o diálogo aqui entendido como produtor de uma metamorfose, difere da apreensão conceitual como compreendida na biologia⁶.

A metamorfose dá vitalidade aquilo que se enuncia como inovador, pouco previsível, assim como no diálogo. No processo: há gênese, desenvolvimento e eclosão de resultados e, por isso, podemos buscar relações análogas, diante da possibilidade da transmutação dos sujeitos envolvidos, no jogo do diálogo. Transformações promovem deslocamento dos sujeitos tendo em vista a construção de novas percepções sobre a vida, campo de possibilidades.

Esse processo exige que haja abertura, para que as partes interessadas possam iniciar essa trajetória, do diálogo, mediante a utilização de perguntas e respostas, dentro do movimento dialético, em meio a possibilidade de acordos construídos na relação de si para o outro. No desenvolvimento das argumentações os sujeitos devem buscar reiteradamente o entendimento mútuo, utilizando de condutas éticas para progredir com os rumos do caminho comunicacional. Pois: “nós queremos encontrar em um acordo com o outro, encontrar concordância nele ou menos uma inserção no que foi dito, mesmo que se tente nos contradizer ou de apresentar uma resistência” (GADAMER, 2012, p. 78 e 79). Todavia, podem existir confrontos tensionais no encontro, uma situação previsível, ante a necessidade de se expor, cada pessoa envolvida, nas tentativas de se fazer compreendido e de compreender o outro. O alvo desse ser dirigido ao processo de fusão desses horizontes, entre as partes interessadas,

⁵ A compreensão de metamorfose aqui é empregada como uma metáfora e, por isso, representa a transformação original que pode acontecer nas pessoas, por meio do diálogo, de forma intersubjetiva, no campo da linguagem.

⁶ Nos referimos à compreensão sobre a evolução humana de acordo a Teoria da Evolução de Charles Darwin em “A origem das Espécies”. Cf.: DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. Hemus – Livraria Editora Ltda, São Paulo.



perante a valorização da capacidade do saber escutar e saber falar. Saber escutar, como uma habilidade que se aprende, relativa à escuta atenciosa como um fio condutor específico do entendimento mútuo, que conduz o lugar e os sentidos da fala. Como uma força específica, e escuta, interrelacionada ao diálogo, traduz o pertencimento mútuo, sensibilidade e entrega à atividade comunicacional, pois: “A pertença mútua significa sempre e ao mesmo tempo poder ouvir uns aos outros” (GADAMER, 2015, p. 472).

Nesse processo, a entrega não significa anulação do sujeito, descredenciamento de si em meio ao diálogo, ao contrário, por intermédio dela pode acontecer a qualificação das falas, desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas no campo intrassubjetivo e intersubjetivo. E na relação eu-tu, na entrega mútua, o que importa, em primeira instância, deve ser a busca pelos acordos, partilhas de saberes, sentimentos etc.

Com base nos argumentos apresentados, consideramos que, o diálogo é forma de significação da vocação ontológica que precisamos reavivar, tendo em vista aprender a viver no oikoumene⁷, pois “é a humanidade sobre o globo, que precisa fazê-lo, a fim de aprender a conviver mutuamente e, assim, talvez adiar a auto-aniquilação ou mesmo evitá-la por meio de uma constituição mundial capaz de ser controlada” (GADAMER, 2001, p. 72). Então, se por meio do diálogo há possibilidade e transformações, que podem ser desenvolvidas, isso revela a necessidade de apresentação de posturas éticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o potencial transformador do diálogo, pode ser entendido como ponte comunicacional, que pode conduzir à busca humana por novos horizontes; é meio para que se desenvolva mudança, no campo das relações, entre os homens e o mundo, tendo em vista transformações reais, nos mais diferentes espaços de concretização das relações sociais.

⁷ *Oikoumene* é uma expressão grega que significa mundo habitado. Cf.: Cf.: GADAMER, H. G. Isolamento como Sintoma da auto-alienação. In: GADAMER, H. G. **Elogio da Teoria**. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001, p.1; 97.



Perante esse potencial, a racionalidade gadameriana, sobre o diálogo, constitui-se como uma guinada ontológica para a compreensão do que significa o ser, o sentido das relações humanas, com impactos nas condutas práticas. Fundamentados na ideia de que o diálogo é vital à construção de acordos, podemos refletir sobre um caminho viável para construção de novos horizontes para e nas relações sociais, postura que se inicia com o cuidado de si e volta-se para o outro, abrangendo todos os seres, à vida em sua manifestação de diversidade.

Por meio de práticas de diálogo pode se efetivar o desenvolvimento dos sujeitos, no âmbito intrapessoal e interpessoal e, com base no entendimento mútuo, são reveladas a exuberância dos resultados do encontro, com a evidência da própria transformação e prevalência da capacidade de tecer a boa prosa, que pressupõe dotação, neste caminho, de condutas éticas.

Mediante as considerações apresentadas, neste escrito, há possibilidades de fortalecimento de vínculos para a formação de horizontes comuns, baseados no diálogo, como forma estratégica de uso da linguagem, para desenvolvimento da consciência do poder-fazer solidário, campo de possibilidades passível de ser explorado para fins de nossa humanização.

A humanidade precisa encontrar uma rota capaz de ressignificar a sua relação com a vida e, nesse caminho, a admissão do diálogo como uma estratégia que tem potencial de inovação para as relações humanas revela-se como uma sábia decisão pelo bem comum, pela harmonia que se pode desenvolver, em meio as diferenças de pensamento e culturas.



REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Richard J. The Constellation of Hermeneutics, Critical Theory, and Deconstruction. In DOSTAL, R. (ed.) **The Cambridge Companion to Gadamer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Tradução nossa.

BRITO, J. W. R. A praxis filosófica de Aristóteles e a sua influência na hermenêutica de Gadamer: acrasia, phronêsis e a dimensão ético-política. In: **HYPNOS**, São Paulo, v. 41, 2º sem., 2018, p. 119-133. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

DARWIN, C. A **Origem das Espécies**. Hemus – Livraria Editora Ltda, São Paulo.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**, Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GADAMER, H. G. A incapacidade para o diálogo. In: **Verdade e Método II: complementos e índice**. Tradução de Ênio Paulo Gianchini; revisão da tradução de Márcia Sá Cavalcante-Schuback, 6 ed- Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Vozes: Editora Universitária São Francisco, 2011, (Coleção Pensamento Humano),

GADAMER, H. G. Isolamento como Sintoma da auto-alienação in GADAMER, H. G. **Elogio da Teoria**. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001.

GADAMER, H.G. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. Europa e o oikoumene. In: GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Ênio Paulo Giachini. 15 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista; Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4ª ed, 2009, p. 48.

JIPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

PALMER, R. **Hermenêutica**. Trad. Maria Luíza R. Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.



RODHEN, L. Gadamer in ROSSANO, P. **Os Filósofos Clássicos da História**: De Ortega y Gasset a Vattimo. Volume 3; 2ª edição; editora Vozes, 2009.

RODHEN, L. Gadamer in ROSSANO, P. **Os Filósofos Clássicos da História**: De Ortega y Gasset a Vattimo. Volume 3; 2ª edição; editora Vozes, 2009.

SANTOS, M. **Aristóteles e a questão da dynamis** - desde a ótica de Martin Heidegger. In: PERIAGOGE - UCB -V. 1, N. 1, 2018.

Recebido: 16/05/2022

Aprovado: 15/06/2022